

Senegalia polyphylla (DC.) Britton & Rose

(angico branco, angico monjolo, espinheiro preto, monjoleiro, paricá branco)

Família: Fabaceae

Sinônimos: *Acacia glomerosa*, *Acacia polyphylla*

Endêmica: não²

Bioma/Fitofisionomia: Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal²

Recomendação de uso: Restauração, Arborização urbana, Silvicultura

O angico-branco é uma árvore de copa frondosa, que proporciona boa sombra e alcança até 15 m de altura. A forragem dessa espécie apresenta bons teores de proteína bruta para alimentação animal. Ocupa quase todos os tipos de solo mas não tolera os solos encharcados. É uma planta espinhenta, de casca áspera com manchas brancas. Suas folhas são de coloração verde-escura quando adultas e suas flores são pequenas, perfumadas, de coloração creme a branca. Seus principais usos são: celulose, lenha, carvão, marcenaria.

Etnobotânica e Histórico

Usos específicos: produtos madeireiros (peças torneadas, celulose e papel, carvão, lenha, carpintaria e marcenaria), produtos não madeireiros (alimentação animal (forragem), apícola, medicinal, ornamental, produto bioquímico, substâncias tanantes)^{1,5}

Características gerais

Porte: altura 15.0-20.0m DAP 30-60cm^{5,1}

Cor da floração: creme¹

Creme a branca.

Velocidade de desenvolvimento: Rápida^{4,5,1}

Pode atingir uma produção volumétrica de até 17 m³/ha/ano aos 10 anos de idade (CARVALHO, 2008). Alcança facilmente 4-5 m aos 2 anos (LORENZI, 2002).

Persistência foliar: Semidecídua, Decídua^{1,5,4}

Sistema radicular: -

Formato da copa: Umbeliforme¹

Diâmetro da copa: -

Alinhamento do tronco: Reto, Tortuoso¹

Superfície do tronco: -

Tipo de fruto: Seco deiscente (Legume)^{1,5}

Cuidados

Poda de condução e de galhos: sim¹

Pragas e doenças: -

Acúleos ou espinhos: sim^{5,1}

Princípios tóxicos ou alergênicos: -

Drenagem do terreno: Áreas bem drenadas^{11,4}

Área com inundação temporária e áreas bem drenadas, não alagáveis (MARTINS, 2007). Não tolera solos encharcados (DURIGAN et al., 1997).

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Pioneira, Secundária inicial, Secundária tardia, Clímax^{5,9,4,7,10,6}

Polinizadores: Mariposas.⁸

Período de floração: dezembro a abril^{3,4}

Flores de dezembro a abril (DURIGAN et al., 1997); em janeiro (MORELLATO, 1991).

Tipo de dispersão: Anemocórica, Autocórica^{8,3}

Agentes dispersores: -

Período de frutificação: junho a outubro^{4,3}

Frutos de junho a outubro (MORELLATO, 1991); de agosto a setembro (DURIGAN et al., 1997).

Associação simbiótica com raízes: não¹⁰

Ausência de micorriza arbuscular e baixa resposta à inoculação.

Produção de mudas

Obtenção de sementes: Coleta de frutos na árvore^{4,1,5}

Os frutos devem ser colhidos ao iniciarem a abertura espontânea (CARVALHO, 2008; LORENZI, 2002). Os frutos devem ser colhidos antes do início de sua abertura natural (DURIGAN et al.,

1997). Levá-los ao sol para a sua abertura e liberação das sementes.

Tipo de semente: Ortodoxa^{6,1}

Tratamento para germinação: Sem necessidade de tratamento, Tratamento térmico^{6,5,1,4}

Não há necessidade de tratamento pré-germinativo, mas para acelerar e uniformizar a germinação, imergir as sementes em água fria por 2 horas (CARVALHO, 2008; DURIGAN et al., 1997; MORI et al., 2012).

Produção de mudas: Canteiros ou Recipientes individuais^{4,1,5}

Recomenda-se a semeadura em canteiros para posterior repicagem ou diretamente em embalagens individuais (CARVALHO, 2008). A repicagem para recipientes individuais deve ser efetuada quando as plântulas atingirem de 4 a 6 cm de altura (LORENZI, 2002).

Tempo de germinação: 3 a 10 dias^{4,5,1}

Taxa de germinação: 55 a 95%^{1,6,4}

Número de sementes por peso: 9600/kg^{4,5,6}

Exigência em luminosidade: Exigente em luz^{7,5,4}

Dados madeireiros

Possui curva de incremento médio anual (IMA): -

Possui curva de incremento corrente anual (ICA): -

Bibliografia

¹ CARVALHO, P. E. R. Espécies arbóreas brasileiras. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2008. v. 3, 593 p.

² MORIM, M. P.; BARROS, M. J. F. Senegalia. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 20 jun. 2013.

³ MORELLATO, L. P. C. Estudo da fenologia de árvores, arbustos e lianas de uma floresta semidecídua no sudeste do Brasil. 1991. 176 f. Tese (Doutorado em Biologia) - Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1991.

⁴ DURIGAN, G.; FIGLIOLIA, M. B.; KAWABATA, M.; GARRIDO, M. A. de O.; BAITELLO, J. B. Sementes e mudas de árvores tropicais. São Paulo: Páginas & Letras Editora e Gráfica, 1997. 65 p.

⁵ LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. 4 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. v.1, 368 p.

⁶ MORI, E. S.; PIÑA-RODRIGUES, F. C. M.; FREITAS, N. P.; MARTINS, R. B. Sementes florestais: guia para germinação de 100 espécies nativas. São Paulo: Instituto Refloresta, 2012. 159 p.

⁷ WERNECK, M. de S.; FRANCESCHINELLI, E. V.; TAMEIRÃO NETO, E. Mudanças na florística e estrutura de uma floresta decídua durante um período de quatro anos (1994-1998), na região do Triângulo Mineiro, MG. *Revista Brasileira de Botânica*, São Paulo, v. 23, n. 4, p. 401-413, dez. 2000.

⁸ YAMAMOTO, L. F.; KINOSHITA, L. S.; MARTINS, F. R. Síndromes de polinização e de dispersão em fragmentos da floresta estacional semidecídua montana, SP, Brasil. *Acta Botanica Brasílica*, Feira de Santana, v. 21, n. 3, p. 553-573, 2007.

⁹ PINTO SOBRINHO, F. de A.; CHRISTO, A. G.; GUEDES-BRUNI, R. R.; SILVA, A. F. Composição florística e estrutura de um fragmento de floresta estacional semidecidual Aluvial em Viçosa (MG). *Revista Floresta*, Curitiba, v. 39, n. 4, p. 793-805, out./dez. 2009.

¹⁰ ZANGARO, W.; NISIZAKI, S. M. A.; DOMINGOS, J. C. B.; NAKANO, E. M. Micorriza arbuscular em espécies arbóreas nativas da bacia do Rio Tibagi, Paraná. *Cerne*, Lavras, v. 8, n. 1, p. 77-87, 2002.

¹¹ MARTINS, S. V. *Recuperação de matas ciliares*. 2 ed. Viçosa: Aprenda Fácil Editora, 2007. v. 1, 255 p.